

ISSN: 1980-0193

PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS

Revista eletrônica de ciências
sociais aplicadas.

V.3, N.1, 2008



EDITORIAL

Perspectivas Contemporâneas
Faculdade Integrado
Campo Mourão – Paraná – Brasil
Av. Irmãos Pereira, 670, Centro
Fone: 55 44 3523 1982
CEP: 87301-010

Editor Chefe

Patrícia Regina Cenci Queiroz

Editor de Revisão e Correção

Ana Paula Previante Widorski

Editor de Língua Estrangeira

Aparecida da Penha dos Santos
Fernanda Scheibel Bispo

Editor de normalização

Vinicius Ortiz de Camargo

Editor Externo

Luciana Aparecida Bastos
Emanulle Torino

Editor de Seção

Márcia Regina Ferri

Projeto Gráfico e Edição Final

Emanuelle Torino
Márcia Regina Ferri
Patrícia Regina Cenci Queiroz

Suporte Técnico

José Leandro Xavier
xavier@grupointegrado.br

Perspectivas Contemporâneas

A ciência vem a cada dia revolucionando todas as áreas do conhecimento humano. Neste sentido, a informatização, auxilia a levar o conhecimento com maior rapidez e facilidade às pessoas.

As revistas eletrônicas vêm adquirindo cada vez mais espaço no meio das pesquisas científicas, e a revista *Perspectivas Contemporâneas* vem auxiliar, neste contexto de informatização, de globalização, a socialização das informações.

Os artigos apresentados a cada edição da revista, estão mais interessantes. Nesta edição, por exemplo, são apresentados artigos de diversas áreas, tais como a área de finanças, que trata a respeito da relação do planejamento financeiro pessoal, decisões financeiras e organizacionais e desempenho das lojas de varejo de Curitiba; Modelos de indicadores com relação ao desenvolvimento sustentável, com ações sustentáveis; uma pesquisa da Distribuição de renda e pobreza no Brasil no período de 1995 a 1999, onde apresenta uma redução da renda familiar per capita de 3,97% na média; Marketing de relacionamento, apresentando um estudo empírico em micro e pequenas empresas de Campo Mourão, onde trata a respeito da fidelização de clientes e do esforço direcionado ao atendimento ao público; Empreendedorismo, trazendo um estudo da proposta operacional de plano de negócios, com ênfase na percepção do risco; Organização Cooperativa sobre a ótica dos cooperados, onde demonstra pontos fortes e fracos das cooperativas pelo ponto de vista dos cooperados; Discussão sobre viabilidade ecológica e econômica, que trata a respeito da reciclagem de pneus usados por meio da viabilidade de poços cavados para obtenção de água, bastante utilizado na região nordestina; Turismo de Negócios, apresentando um estudo de caso a respeito do turismo de negócios na “feira-hippie” de Belo Horizonte, analisando o turista de negócios, suas práticas sociais e comerciais; e, para finalizar, Administração da complexibilidade, a contribuição das teorias organizacionais, que apresenta uma análise teórica e descritiva que aborda contribuições das organizações modernas e pós-modernas, tratando também da qualidade de vida de seus colaboradores.

Além de interessantes, os artigos apresentados estão com boa qualidade e contribuem ao crescimento intelectual dos leitores, o que a cada dia é mais exigido no mercado de trabalho.

Aproveitem sua leitura.

Boa leitura.

Marisa Pante Ferreira

Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Controladoria e Análise Contábil Financeira da Faculdade Integrado, Docente no Ensino Superior, Contadora com Especialização em Auditoria e Perícia Contábil.

A ORGANIZAÇÃO COOPERATIVA SOBRE A ÓTICA DOS COOPERADOS*Vagner Rosalem ⁽¹⁾**UFG - Universidade Federal de Goiás, Goiânia - GO**Antônio Carlos dos Santos ⁽²⁾**UFLA - Universidade Federal de Lavras, Lavras - MG***RESUMO**

Com a globalização, as organizações estão sentindo necessidade de se unirem para se tornarem mais competitivas. Para isso, estão utilizando associações, como as cooperativas, buscando se aproximar dos consumidores e também um fortalecimento. Assim, o presente trabalho busca estudar a visão que os cooperados têm da cooperativa em que são associados. Buscou-se verificar os pontos fortes e fracos da cooperativa do ponto de vista dos cooperados, além de analisar seus pontos de vista em relação à organização como um todo. Pôde-se perceber que há uma unanimidade entre os cooperados, quanto aos interesses da cooperativa, apesar de quando comparadas com outras questões, perceber-se controvérsias nestas opiniões. Conclui-se que os cooperados e funcionários não têm conhecimento quanto aos princípios cooperativos, proporcionando uma maior valorização interna pelos princípios capitalistas. Há a existência de um grupo de poder, os cooperados mais insatisfeitos são os que menos participam da vida da cooperativa.

PALAVRAS-CHAVE: cooperativas; cooperados; competitividade.

THE ORGANIZATION OF COOPERATIVE UNDER THE COOPERATED POINT OF VIEW**ABSTRACT**

The intense and frequent changes of this globalized environment forces organizations to join in order to become more competitive. Associations, as the cooperatives, are a way that organizations use to get closer to the consumers and to increase their strength in the market. Thus, the aim of the present work is to study the vision that the cooperated ones have of the cooperative where they are associates. It verified what the cooperated ones find as strong and weak points of the cooperative and father on their points of view in relation to the organization as a whole. It could be perceived that there was a consensus among the cooperated ones about the interests of the cooperative, although when compared with other questions, there were controversies in these opinions. It was concluded that the employee and cooperated ones do not know much about cooperative principles, providing a bigger internal valuation for the capitalist principles. It was also found that there is a powered group and that the more unsatisfied cooperated ones are the ones that less participate of the life of the cooperative

KEYWORDS: cooperatives; cooperated; competitiveness

INTRODUÇÃO

A globalização promoveu transformações em diversos setores da economia. Assim, está ocorrendo a abertura de novos mercados engajando novos concorrentes nas disputas e diversificando as estratégias competitivas. Assim, há também, um aumento nas exigências dos consumidores.

Estas mudanças também atrapalham os pequenos empresários, que, em sua maioria, não têm condições de acompanhar estas alterações e muitos acabam sendo obrigados a deixar o mercado. Esses empresários são de extrema importância econômica e social para o Brasil, porque juntos são responsáveis pela maior parte da produção brasileira oferecendo emprego, fixo e temporário a milhares de pessoas.

No setor agropecuário, a empresa rural, principalmente as micro e pequenas, são as que mais sofrem e por isso estão atravessando momentos difíceis com toda essa reviravolta mundial, além de serem vítimas de descaso por parte das autoridades brasileiras.

Um dos problemas enfrentados pela propriedade rural é o baixo preço pago pelos seus produtos, isto porque a maior parte fica com os atacadistas e varejistas, ambos são considerados intermediários no processo de comercialização. O preço pago pelo consumidor final acaba sendo maior que o preço recebido pelo produtor em virtude das diversas funções exercidas pelos intermediários.

Uma das maneiras da empresa rural se aproximar do consumidor final é se associar aos outros produtores por meio da criação de cooperativas, o que tem como propósito fortalecer os pequenos produtores.

Uma cooperativa bem representada, composta por cooperados atuantes, participantes e com visão coletiva (acima de tudo principais defensores do seu negócio), com certeza só colherá bons frutos e muito sucesso para todos os envolvidos que nela acreditem.

Este trabalho tem como objetivo identificar a visão dos cooperados em relação à cooperativa em que estão inseridos. Mais especificamente pretende analisar a compreensão dos cooperados e dirigentes a respeito do significado de uma organização cooperativa; identificar as principais reivindicações, sugestões e

expectativas dos cooperados e identificar os principais problemas detectados pelos cooperados na sua cooperativa.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Gestão participativa de uma cooperativa

As cooperativas representam uma atividade peculiar dentro do sistema econômico, com características próprias que as diferem dos demais tipos de organizações econômicas. A cooperativa é uma empresa de participação: o associado participa da cooperativa nas operações e participa nas decisões (FERREIRA, 1999).

De acordo com Faria (1995), o cooperativismo surgiu com o intuito de oferecer ao produtor, mecanismos contra abusos de mercado, mas os produtores continuam encarando as cooperativas como inimigas, não sendo fiéis ao grupo a que pertencem e nem consideram como seu o investimento realizado pela cooperativa. A falta de espírito associativo, o baixo nível cultural e a desinformação promovem sérias distorções, desunião e insatisfação generalizada dos cooperados.

Um ponto importante a ressaltar é que as pessoas só participam daquilo que lhes interessa e daquilo que elas se sentem motivadas a participar. O intercâmbio entre cooperado e cooperativa estimula o associado a sentir mais confiança e acreditar que é através da união e participação destes que a cooperativa avança e atinge seus objetivos (RICCIARDI, 1996).

As estruturas cooperativas modernas precisam manter o seu papel de sistema produtivo centrado no homem e, ao mesmo tempo, desenvolver uma organização capaz de competir com empresas de outras naturezas com orientação para o mercado (ZYLBERZTJN, 1994).

Segundo Antonialli (2000), o ponto fundamental nas cooperativas é encontrar o equilíbrio entre três diferentes níveis de interesse de seus associados: o econômico, o social e o político. Administrar esses diferentes níveis de interesses é uma tarefa difícil e complicada. O fato é que grande parte das cooperativas estão perdendo espaço para seus concorrentes, pois não estão conseguindo equilibrar

satisfatoriamente esses conflitos.

Para Meireles (1981), na administração de uma cooperativa deve-se levar em conta o envolvimento deste tipo de organização com metas específicas, relacionadas com a filosofia, valores e legislação própria do cooperativismo. As cooperativas não visam lucro enquanto organização, mas, visam atender aos objetivos sociais e econômicos dos seus associados, incluindo interesses comuns e, às vezes, dessemelhantes. Para o autor, os problemas que as cooperativas estão passando atualmente nos mostram o desconhecimento sobre a cooperação e cooperativismo de muitos associados e a falta de identidade destes com o movimento cooperativista.

De acordo com Rios (1998), a cooperativa deve ser vista em termos organizacionais como empresa moderna, mas cuja natureza é diferente da chamada “empresa mercantilista”, uma vez que a cooperativa é formada de pessoas para pessoas; portanto, os seus sócios não são empregados e sim donos, não no sentido de acionistas que buscam somente os lucros.

Segundo Zylberztjn (1994), nas empresas de capital aberto o risco de uma aquisição ou uma mudança no corpo gerencial funciona como forte incentivo para o alinhamento das ações do gerente com os desejos do proprietário do capital. Nas cooperativas esse incentivo não ocorre, pois aquisições e mudanças radicais no controle são incomuns.

Nas cooperativas o processo interno de tomada de decisões passa por mais instâncias do que nas empresas não cooperativas, além de ser dissociado do grau de participação do cooperado no negócio da cooperativa. O princípio um homem um voto, se por um lado representa a base ideológica e doutrinária do cooperativismo, por outro, não pode ser considerado como neutro no desempenho da empresa, induzindo a maiores custos de transação. A estrutura de direitos de propriedade legalmente definida para a empresa cooperativa limita seu acesso ao mercado financeiro, criando obstáculos para seu crescimento (ZYLBERZTJN,1994).

Meireles (1981) considera que estando as cooperativas inseridas num meio econômico empresarial onde o sucesso da empresa e dos seus dirigentes está intimamente ligado ao aumento patrimonial e ao lucro, os dirigentes de cooperativa,

muitas vezes, são levados a procederem de maneira semelhante a empresas privadas, relegando a um segundo plano os aspectos sociais das suas organizações.

Embora a finalidade da cooperativa não seja gerar lucro pelo lucro, sua performance precisa estar estruturada de maneira eficaz a fim de gerar resultados positivos que lhe permitam ter sua sobrevivência garantida hoje e estabelecer planos de crescimento sustentado que lhe permitam sobreviver amanhã. Cooperados e dirigentes precisam ter plena consciência de que a cooperativa deve ser administrada nos mesmos moldes que determinam a eficácia de qualquer empresa moderna bem sucedida, respeitando-se, no entanto, a filosofia que rege o cooperativismo (RIOS, 1998).

O associado como gestor do empreendimento deve harmonizar a sua participação política com sua participação econômica e ambas com a capacidade gerencial da empresa em efetivar suas relações com o mercado. Dessa forma, a cooperativa, como um amplo espaço em que interage um grande número de associados, resulta em um evidente espaço de poder, onde diferentes forças atuantes precisam ser coordenadas e disciplinadas no sentido de orientá-las para o cumprimento do objetivo da cooperativa, ou seja, prestar serviços aos associados (SCHULZE, 1987).

Meireles (1981) defende que os interesses definidos como sociais ou coletivos podem não estar correspondendo aos interesses dos associados em geral. Contudo, o desinteresse manifestado por muitos associados de cooperativas parece estar relacionado com a não obtenção da segurança social e econômica proposta pelo sistema cooperativo, em razão da deficiência na atuação administrativa de seus dirigentes. De uma forma ou de outra, deve-se considerar que não é uma constatação imediata e absoluta, a existência de uma identidade entre a cooperativa e os cooperados.

2.2 Direitos, deveres e erros que devem ser evitados

Como em toda organização, seus componentes possuem direitos e deveres

para com esta, responsabilidades que devem ser seguidas para o bom andamento das atividades da entidade, os cooperados não fogem a essa regra.

A OCEMG - Organização das Cooperativas de Minas Gerais, junto com o Ministério da Agricultura mostram em uma de suas publicações que para que uma cooperativa funcione bem é de grande importância que todos conheçam seus direitos e deveres, citando como direitos, a utilização dos serviços prestados pela cooperativa e a participação em assembleias gerais, discutindo e votando os assuntos nelas abordados. No que se refere aos deveres, cita a integralização das quotas-partes de capital, operação conjunta com a cooperativa, obediência ao estatuto e respeito às decisões da Assembleia Geral.

Ainda segundo a OCEMG, além das responsabilidades individuais, os associados de uma cooperativa têm uma responsabilidade coletiva: as decisões que os diretores não podem tomar se não contarem com a aprovação da Assembleia Geral dos associados, tais como, aprovação dos planos de trabalho da cooperativa; aprovação da prestação de contas do Conselho da Administração e Parecer do Conselho Fiscal; aprovação de distribuição de sobras; aumento de capital da cooperativa; reforma do estatuto; dissolução voluntária da cooperativa e nomeação de liquidantes; aprovação das contas dos liquidantes; aquisição e venda de bens móveis e imóveis; fusão, incorporação ou desmembramento da cooperativa.

Os dirigentes das Cooperativas devem possuir os seguintes requisitos: espírito cooperativista; conhecimento da filosofia e da história do Cooperativismo, assim como da administração das cooperativas como empresas sociais; conhecimento da economia cooperativista; conhecimento prático do funcionamento da cooperativa e compreensão das operações dos seus negócios; consciência de sua autoridade e responsabilidade, tanto do ponto de vista social como legal; iniciativa e capacidade de decisão; conhecimento da legislação cooperativista vigente.

Rios (1998) identificou alguns “pecados mortais” da diretoria (Conselheiros-Diretores, ou Diretoria Executiva eleita) que devem ser evitados: centralização de detalhes no presidente; “estrelismo” de um ou mais diretores, julgando-se mais importantes que os colegas conselheiros; autoritarismo; ausência de objetivos

comuns; excesso de ingerência no dia-a-dia operacional; excesso de reuniões, todas intermináveis, ou nenhuma reunião para estabelecer as metas da semana (ou mês); péssima racionalização nos trabalhos; culto ao poder; individualismo e incapacidade de formar lideranças.

O autor também identificou alguns “pecados mortais” do Conselho Fiscal: fazer ingerências na administração diária da entidade; deixar “vazar” informações fora do contexto documental; emitir parecer sobre o assunto que não foi devidamente esclarecido ou que não seja de sua competência; mandar “recados” para funcionários, cooperados ou diretores; deixar tudo para ser decidido na última hora; “florear” na relação de atas e pareceres, dificultando o entendimento da mensagem ou ensejando interpretações dúbias; reuniões desorganizadas, consumindo tempo e energias, sem obter algum resultado; conhecimento defeituoso da filosofia cooperativa.

Rios (1998) revela alguns pecados do Conselho de Administração, como: o distanciamento do dia-a-dia da entidade, deixando tudo nas mãos dos diretores; conformismo; reatividade (só quando são convocados dizem alguma coisa); conhecimento distorcido da filosofia cooperativa; críticas veladas aos diretores e às ações da entidade; reuniões desorganizadas; aprovar todas as decisões do presidente mesmo que seja uma tremenda sandice; desunião entre pares; ou união porém sem unidade (ninguém seguindo na mesma direção, em prol dos mesmos objetivos).

Uma das formas de garantir sucesso de uma cooperativa é manter a qualidade em recursos humanos que pode ser feito da seguinte maneira (RIOS, 1998): fazer check-up do processo de seleção de pessoal/ admissão criteriosa de novos cooperados; programa interno de integração do novo funcionário/ boa integração dos novos cooperados; programa continuado de treinamento e desenvolvimento de RH/ educação continuada de cooperados; fazer check-up do clima organizacional vigente na empresa cooperativa.

Rodrigues (1997) citado por Ferreira (1999) afirma que as cooperativas compõem o único setor da economia cuja doutrina tem sua ênfase no equilíbrio entre econômico e o social, que é o seu primeiro problema frente à globalização, ou seja,

elas terão que ser eficientes e competitivas. Espera-se, contudo, que o objetivo maior da modernização das cooperativas, não leve ao sacrifício dos ideais cooperativistas e também que se preserve o pequeno produtor rural.

Por fim, é preciso ter em mente que não são as pessoas a razão do sucesso ou fracasso das empresas cooperativas, e sim a capacidade destas cooperarem entre si para construírem algo maior que suas limitações e seus sonhos individuais.

3. METODOLOGIA

Demo (2000, p. 34) diz que a pesquisa se caracteriza como uma atividade cotidiana, considerando-a “uma atitude, um questionamento sistemático, crítico e criativo, mais a intervenção competente na realidade, ou o diálogo crítico permanente com a realidade sem sentido teórico e prático”.

Gil (1999) afirma que a pesquisa tem caráter pragmático, visto que é um “processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo” fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego do procedimento científico”.

Neste sentido, o autor explica que as pesquisas podem ser caracterizadas como exploratórias, descritivas ou explicativas. Comenta que a “pesquisa exploratória é quase sempre feita com o levantamento bibliográfico, entrevistas com profissionais que estudam ou atuam na área, visitas à web sites etc”.

Para Yin (2001), um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos. Segundo o autor, para se obter informações para um estudo de caso pode-se pesquisar várias fontes e as classifica em seis: documentos, registros em arquivos, entrevistas, observação direta, observação participante e artefatos físicos.

O presente trabalho foi realizado em uma cooperativa de granjeiros, localizada no estado de Minas Gerais. Na coleta de dados utilizou-se como ferramentas à observação participante, aplicação de questionário semi-estruturado aos cooperados,

entrevistas informais aos funcionários e dirigente e análise de documentos e material bibliográfico.

Foi utilizada na pesquisa uma amostra diversificada que representa dez por cento dos cooperados. Esta diversificação se deu tendo como entrave a disponibilidade dos cooperados, devido à dificuldade de encontrá-los. Mas, mesmo assim, a amostra foi composta por cooperados de pequeno e grande porte.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 A Cooperativa e o perfil dos cooperados

Atualmente a cooperativa trabalha na produção e comercialização de frangos de cortes em geral, abastecendo parte do mercado regional, a grande Belo Horizonte e todo o estado de Minas Gerais. A cooperativa ainda conta com um armazém, que revende produtos para os cooperados e demais produtores para que possam conduzir seus negócios e também uma fábrica de premix.

A maioria das propriedades faz parte do município onde a cooperativa está sediada. Essas propriedades têm como atividade principal o frango de corte (85,71% dos cooperados) sendo o restante dividido igualmente em gado leiteiro e gado de corte (7,14% cada atividade). Já a atividade secundária das respectivas propriedades é destinada à suinocultura 35,71%, a criação de gado leiteiro 28,57%, 14,29% a frango de corte e gado de corte, hortaliças e produção para o consumo com 7,14% cada um. Em relação ao tamanho da propriedade 42,86% dos entrevistados possuem propriedades entre 61 e 100 hectares e em seguida há propriedades com tamanhos até 60 hectares e acima de 101 hectares (28,57% cada grupo).

Através de uma média aritmética foi observado que os cooperados fazem parte da Cooperativa, em média, há 17 anos, e têm em média 50 anos de idade, sendo apenas um dos entrevistados é do sexo feminino. Esta mesma proporção pode ser identificada no quadro total de cooperados.

Em relação ao grau de alfabetização dos cooperados identificou-se que 21,43% dos entrevistados não completaram o 1º grau, 28,57% completaram o 1º grau, 14,29%

não completaram o 2º grau, 21,43% completaram o 2º grau, 7,14% não completaram o 3º grau, 7,14% completaram o 3º grau. Não houve nenhum caso sem qualquer alfabetização ou com um grau escolar maior que a graduação.

Em relação às atividades do proprietário, perguntou-se se era mais voltada para a agropecuária ou estava associada a outras atividades. Essa questão teve como resultados números bem próximos que identificaram que 57,14% dos cooperados se dedicam somente a atividades rurais do ramo agropecuário e 42,86%, além de trabalhar com a agropecuária têm atividades no comércio da cidade, sendo estas em sua maioria não são ligadas diretamente ao meio rural como loja de material elétrico, indústria e supermercado.

4.2 Grau de participação e contato do cooperado com a cooperativa

As propriedades em sua maioria são administradas apenas pelo proprietário (64,29%), em seguida foi observado que 21,43% das propriedades são administradas pelos proprietários e familiares, e 14,29% das propriedades pelos proprietários juntamente com um administrador contratado e nenhuma propriedade é deixada sob a responsabilidade única de um administrador contratado.

A maioria dos cooperados (78,57%) mantém contato direto com a cooperativa, 14,29% dos contatos são feitos por familiares do proprietário e apenas 7,14% dos contatos são de responsabilidade de empregado contratado. Não existe nenhum outro responsável pelos contatos com a cooperativa.

Em relação às compras de insumos para suas propriedades os cooperados estão bem equilibrados porque 50% adquirem parcialmente esses produtos no armazém da cooperativa e a outra metade compra todos esses produtos da cooperativa. Todos os cooperados de certa forma adquirem os insumos da cooperativa. A primeira metade compra todos os insumos que a cooperativa tem para oferecê-lo, porque ela não vende todos que são procurados, e a outra metade afirma comprar alguns desses produtos de outros estabelecimentos que o oferecem a preços melhores.

Já a respeito dos serviços técnicos os cooperados parecem bem satisfeitos. 71,43% afirmam que seus animais são acompanhados apenas pelos veterinários da cooperativa e que estes são de alta qualidade e 21,43% dos cooperados utilizam os serviços técnicos da cooperativa e de outros profissionais sem ligação com a organização. 7,14% não adquirem esses serviços da cooperativa, no entanto, alguns esclarecem que não produzem frango.

A pesquisa mostra que os cooperados estão sempre falando com os funcionários e dirigentes da cooperativa: 64,29% marcaram, em relação a sua frequência, a opção muita, 21,43% respondeu alguma e 14,29% disseram que sua frequência é muito baixa chegando a nenhuma.

A respeito da quantidade que os cooperados vão até a cooperativa foi visto que metade dos entrevistados (50%) respondeu muitas vezes, e o restante respondeu algumas vezes (35,71%) e raramente (14,29%). Não houve nenhum caso de alguém que ainda não tenha visitado a cooperativa.

A presença dos cooperados em assembleias e reuniões foi demonstrada da seguinte forma: 57,14% disseram ter alta frequência nas assembleias, 28,57% média frequência, e 14,29% consideraram ter baixa frequência nas assembleias da cooperativa. Em relação ao comportamento dos cooperados durante as assembleias e reuniões, foi visto que 57,14% estão no grupo dos participativos, ou seja, fazem em média mais de três perguntas em cada reunião. O restante ficou dividido em 21,43%, 14,29% e 7,14%, que são respectivamente as opções nenhuma, duas vezes e uma vez. Para os que têm participação maior os assuntos são semelhantes, a maioria respondeu que suas perguntas são sempre de acordo com objetivo e/ou a pauta de discussão da assembleia/reunião, além disso, alguns discutem sobre o preço pago pela cooperativa ao frango do cooperado.

Para os cooperados que responderam que faltam bastante as assembleias e reuniões foi perguntado o motivo desta ausência, onde 66,67% destes disseram que foi por falta de tempo e o restante ficou dividido em desinteresse pela cooperativa (16,67%) e receio de conflitos (16,67%).

A respeito da posição dos cooperados durante as votações, a maior parte respondeu que nas votações já ficaram contra a maioria (64,29%) e 35,71% afirmam que ainda não votaram contra a maioria.

4.3 Compreensão do cooperado a respeito do significado e da importância da cooperativa no seu dia-a-dia

Quando foi pedido ao entrevistado o seu conceito de cooperativa, várias foram as respostas, no entanto a maior parte, responderam considera-la uma união. Em seguida, pode-se observar alguma das respostas:

- É a união das pessoas.
- É uma coisa boa.
- União das pessoas afins, ou seja, do mesmo setor, no sentido de procurar fortalecimento, estabilidade, facilidade e principalmente poder de barganha.
- É uma sociedade de pessoas que quando pequenos se unem para seu fortalecimento.
- União de forças para obter maior poder de barganha na compra de insumos e mercadorias.
- Uma coisa boa, nós que somos pequenos não sobrevivemos sem a cooperativa.
- Cooperativa é união.
- A cooperativa é a união de pessoas. Ruim com ela, pior sem ela.
- Onde se reúnem pequenos produtores para se tornarem mais fortes e poderem comercializar seu produto.
- Há união de pessoas para todas ganhem juntas, benefício de todos.
- A formação de uma cooperativa ajuda na obtenção de empréstimos e aumenta a confiança no trabalho do produtor.
- Unir os pequenos e fazer um conjunto para obter melhores resultados.
- Uma equipe que deve trabalhar unida.
- União dos cooperados.
- Um meio para ajudar os produtores pequenos.
- Um conjunto de pessoas que se unem para melhorar suas situações.
- Com a cooperativa os produtores ficam mais fortes para poderem competir no mercado.

A respeito da responsabilidade de cada um para com a cooperativa, as respostas não tiveram uma variação muito grande, apesar dessas obrigações não serem, hoje, rigidamente cobradas. Pode-se observar algumas respostas abaixo:

- Comprar no armazém e vender o frango para a cooperativa.
- Entregar o frango à cooperativa e fazer compras no armazém.
- Comprar no armazém e vender o frango.
- Comprar insumos.
- Comprar premix.
- Vender o frango para a cooperativa e comprar no armazém.
- Seguir o estatuto.
- Entregar a produção total de frangos e comprar insumos.
- Comprar produtos da cooperativa e entregar o frango.
- Entregar frango, mas atualmente não mantenho contato com a cooperativa e comprar insumos.
- Faço parte do conselho fiscal.
- Comprar no armazém.
- Vender o frango e comprar mercadorias.
- Fornecer frango e comprar seus produtos.
- Comprar os produtos que a cooperativa vende.
- Entregar o frango, comprar no armazém da cooperativa e manter seus pagamentos em dia com a cooperativa.

A opinião dos cooperados sobre a autogestão é bem positiva, a maioria é a favor dos próprios cooperados administrando a cooperativa. As perguntas relacionadas aos papéis que os cooperados exercem dentro da organização cooperativa tiveram em suas respostas uma certa insegurança por parte dos entrevistados. Parece haver um desconhecimento sobre os papéis, de dono, funcionário, fornecedor, cliente e fiscal, desempenhados por aqueles que fazem parte de uma cooperativa.

Dos cooperados questionados, 78,57% estão cientes dos papéis que exercem na cooperativa e 21,43% ainda não se conscientizaram. Em relação ao fato de se considerarem donos da instituição, os cooperados estão totalmente divididos, sendo que 50% responderam que não se consideram proprietários da cooperativa, contra 50% que responderam considerarem.

Quanto à pergunta, se os cooperados exercem de maneira ativa o seu papel de fiscalizador das ações e decisões da cooperativa, 64,29% responderam que estão

atentos aos fatos que ocorrem na cooperativa e 35,71% disseram não ter conhecimento.

Pode-se observar que a maioria dos cooperados tem conhecimento quanto à importância individual em relação ao fornecimento de produtos à cooperativa, sendo que 92,86% afirmaram terem este conhecimento, contra 7,14% que responderam não tê-lo. Assim, a cooperativa pode considerar que os cooperados estão cientes que ao fornecer sua produção ou parte dela a outros e não a cooperativa, está favorecendo o concorrente de sua empresa.

Já em relação à importância da sua fidelidade do cooperado para com a cooperativa, houve uma unanimidade, ou seja, 100% dos cooperados afirmaram estar cientes de seu papel como cliente. As respostas também foram unânimes em relação à pergunta: Como funcionário da cooperativa o Sr.(a) dá prioridade aos seus interesses individuais ou aos interesses da cooperativa como um todo? - 100% dos funcionários afirmam priorizar os interesses coletivos.

4.4 Opinião dos cooperados a respeito do funcionamento de sua cooperativa.

A opinião dos cooperados a respeito de alguns pontos sobre as assembleias como quantidade/frequência dos cooperados, conteúdo discutido em pauta e participação dos cooperados, não tem muita divergência. Isso pode ser observado nas colocações dos cooperados, que segue abaixo:

- A quantidade é suficiente, a participação é pequena e os conteúdos são em sua maioria em relação ao grupo dos dez.
- A quantidade é suficiente, o conteúdo discutido está certo e todos vão à assembleia.
- Deveria ter mais assembleias, deveriam ser discutidos temas como a importância do cooperado. O cooperado participa pouco, isso porque atualmente a cooperativa privilegia o grupo dos dez e isso afastou os demais cooperados, eles devem ser atraídos novamente à cooperativa sem discriminação.
- Deve haver assembleias quando necessário, o conteúdo discutido deve ser para o bem da cooperativa e em relação à participação nada contra.
- Não participo muito das assembleias, por isso não tenho o que falar.

- A quantidade de assembléias é boa, conteúdo também e deveria ter mais participação dos cooperados.
- O número de assembléias está bom, conteúdo está bom e a participação dos cooperados é pouca.
- A quantidade é falha, o conteúdo é razoável e a participação é falha.
- A quantidade é suficiente, o conteúdo é bom e a participação é falha.
- A quantidade de assembléias e a participação dos cooperados são boas e todos os assuntos são discutidos.
- O número de assembléias é suficiente, há pouca participação dos cooperados e em relação ao conteúdo sempre se discute todos os assuntos em pauta.
- Poucas assembléias, participação baixa dos cooperados e não tem o que falar sobre o conteúdo.
- A quantidade é fraca, a participação dos cooperados baixa e quanto ao conteúdo discutido não tem o que reclamar.
- A quantidade e a participação dos cooperados são mínimas e os conteúdos discutidos são sempre assuntos do interesse da cooperativa.
- Está bom.
- Deveriam existir mais assembléias, a participação dos cooperados deixa a desejar e o conteúdo da pauta de discussão sempre é bem discutido.

Alguns pontos fracos da cooperativa, levantados na entrevista aos cooperados, podem ser observados nas respostas a seguir:

- Não quero dar minha opinião, com receio de no futuro, isso vir a me prejudicar.
- Através de integração com outros produtores, a cooperativa deveria entregar o pintinho.
- Pouca participação, compreensão e colaboração dos cooperados. Cobrança da taxa de comercialização. Não compra todo o frango.
- No momento nenhum ponto fraco.
- Não tenho muita convivência com a cooperativa, por isso, não tenho o que falar.
- A cooperativa precisa se movimentar mais, crescer.
- Falta união, um querer levar vantagem sobre o outro.
- Falta de normas pré-estabelecidas, não existe cobrança dos cooperados faltosos nas suas obrigações, melhor organização dos departamentos no geral, falta de competitividade nos preços dos insumos.
- Falta união dos cooperados, decisões não são informadas.
- Cobrança da taxa de comercialização, além do pagamento não ser à vista.

- A negociação do frango abatido é difícil. Inadimplência dos compradores do produto final (frango industrializado).
- Falta integração entre os cooperados.
- A relação da cooperativa com o grupo dos dez está fraca.
- Administração, venda do frango industrializado, liquidez da cooperativa, sistema de cobrança.
- Os privilégios que o grupo dos dez tem dentro da cooperativa, eles são os mais escutados.
- A cooperativa não compra o frango dos pequenos produtores.

De acordo com as repostas dos cooperados, alguns pontos fortes também foram identificados na cooperativa, sendo:

- Há assistência médica aos cooperados.
- O abatedouro (estrutura, funcionamento, etc).
- Apoio que oferece ao cooperado, manutenção, assistência técnica, boa nutrição (fábrica de ração), comodidade na oferta de insumos, relacionamento entre os cooperados, funcionários, diretoria e vice-versa.
- Linha de premix e abatedouro.
- Industrialização e comercialização do frango, abatedouro.
- Venda do frango industrializado, venda da matéria-prima aos cooperados, menos visão de lucro.
- Negociação com o mercado, unidos são mais fortes.
- Bom relacionamento entre funcionários e cooperados, cumprimento das obrigações da cooperativa para com os cooperados.
- Garantia da retirada do frango e garantia do pagamento.
- Prazo na compra de matéria prima, garantia de compra do frango.
- Fábrica de premix.
- Qualidade do frango industrializado.
- Seriedade e honestidade.
- Contabilidade e funcionários.
- A qualidade dos produtos da fábrica de ração.
- O abatedouro que esta crescendo cada vez mais.

Questionou aos cooperados também, sobre a satisfação deles em relação à cooperativa, e percebeu-se que um número considerável de cooperados, ou seja, 71,43% se encontram, atualmente, satisfeitos. Outros 14,29% se consideraram pouco satisfeitos, e ainda, 14,29% disseram estar muito satisfeito ou insatisfeitos.

Dentre as pessoas questionadas, 71,43% disseram que a cooperativa não dispõe de nenhum tipo de educação cooperativa aos seus cooperados, mas em contra

partida, outros 28,57% afirmam que há uma educação cooperativa sim, e que se dá através de conversas informais e em reuniões/assembléias.

Para melhor identificação das opiniões dos cooperados quanto à cooperativa, utilizou-se de um quadro composto por nove afirmativas, onde estes deveriam marcar sua opinião quanto às afirmações. Estas opiniões podem ser observadas no Quadro 01 a seguir:

Quadro 1: Opiniões dos cooperados

AFIRMAÇÃO	Concordo totalmente	Concordo em parte	Discordo em parte	Discordo totalmente
A cooperativa deve atuar na educação de seu cooperado de forma a desenvolver o cooperativismo para criar um homem mais solidário e participativo.	71,43%	28,57%	-----	-----
Grande parte dos associados de nossa cooperativa não conhece os princípios que regem o cooperativismo.	85,71%	-----	7,14%	7,14%
Grande parte dos associados de nossa cooperativa não conhece o Estatuto da cooperativa.	85,71%	7,14%	-----	7,14%
É complicado para o cooperado ser ao mesmo tempo dono e usuário da cooperativa. Às vezes, fico em dúvida para quem vou puxar o interesse, se é para o meu próprio negócio ou para a cooperativa.	50%	14,29%	-----	35,71%
No geral, as assembléias de nossa cooperativa são pouco freqüentes e costumam apresentar baixa participação dos associados.	71,43%	14,29%	7,14%	7,14%
Não é bom para a cooperativa quando grupos se apropriam do poder e ficam muito tempo na diretoria.	78,57%	17,29%	-----	7,14%
O cooperado que não cumpre o seu papel com a cooperativa e age de maneira oportunista deveria sofrer alguma punição por isto. Em caso extremo deveria ser até excluído da cooperativa.	85,71%	14,29%	-----	-----
A autogestão, ou seja, os cooperados administrando a cooperativa têm funcionado bem e deve continuar dessa forma.	64,29%	7,14%	21,43%	7,14%

Fonte: dados da pesquisa

O quadro nos mostra de forma bem clara que a maioria dos cooperados concorda totalmente com as afirmações, apresentando divergências apenas em casos concretos, onde há uma busca pelos interesses individuais. Segundo os próprios cooperados, há um desconhecimento geral quanto aos princípios cooperativistas e quanto ao estatuto da cooperativa. Há também, a sugestão de um maior número de assembleias. Apesar de constatado que a presença dos associados nas assembleias/reuniões é alta, os próprios cooperados consideram que ainda não é a presença esperada.

As respostas mostraram que há uma insatisfação em relação a um grupo de poder, chegando a ser chamado de “Grupo dos Dez”. E para finalizar, a autogestão é vista de maneira positiva pelos cooperados, sendo observado um contentamento em relação ao presidente. Isso talvez explique o não aparecimento de outro candidato para concorrer à presidência, tendo em vista, que o atual presidente está a sete anos nessa função.

Segundo a cooperativa, atualmente realiza-se uma assembleia anual. Já as reuniões, são realizadas de acordo com a necessidade, entretanto, observou-se que somente o Grupo dos Dez participam dessas reuniões.

Durante a aplicação do questionário, houve muita reclamação por parte dos pequenos cooperados que se sentem esquecidos pela cooperativa, alegando que a cooperativa não compra sua produção e que só o Grupo dos Dez tem poder de decisão dentro da organização.

Os cooperados insatisfeitos com o Grupo dos Dez não desmerecem a importância destes no passado, mas não concordam com a preferência dada aos seus produtos, entretanto, essa decisão foi tomada em assembleia. As pessoas de uma forma geral têm uma tendência a reclamar suas dificuldades, mas não tomam atitudes para mudar a situação, como formalizar suas reclamações perante a cooperativa, elas se acomodam e não se empenham em exigir seus direitos.

Por outro lado, a cooperativa afirma que várias foram as tentativas de aproximar o pequeno cooperado, “ele sempre é procurado para voltar a entregar sua produção, mas para isso, é preciso que estes mantenham contato com a cooperativa

sobre as informações de sua criação”. Isso se dá, pois a cooperativa juntamente com o cooperado programam as datas de entrega de acordo com a data de chegada do pintinho na granja.

Dentre os cooperados, os grandes produtores têm produção toda semana e alguns até todos os dias para entregar a cooperativa, enquanto os pequenos, na sua maioria, têm entrega apenas uma vez por mês, e ainda, muitos não procuram a cooperativa para programar suas entregas.

Meireles (1981) explica que algumas cooperativas não têm estrutura para atender a todos os cooperados no momento em que necessitam ou que desejam. E mesmo que tente racionalizar o atendimento através de normas de utilização dos serviços prestados, surgem insatisfações da parte daqueles não atendidos.

Neste sentido, Rech (1995) ainda acrescenta que não há como desmerecer a vontade e as necessidades dos associados quanto à busca de benefícios específicos para si, suas famílias, seu futuro. Isto faz parte das perspectivas de autonomia que são essenciais numa sociedade como a cooperativista. Entretanto, não se pode esquecer que a partir do momento que nos dispomos a trabalhar em conjunto devemos saber abrir mão de algum(s) interesse(s).

Foi visto que os cooperados reconhecem suas responsabilidades e sua importância como fornecedor, mas isso não significa que as obrigações estão sendo devidamente cumpridas, na prática são poucos cooperados que vendem seu frango à cooperativa.

Para algumas cooperativas não é possível absorver toda a produção de seus cooperados, como acontece com a Cooperativa dos granjeiros, além disso, ainda existe o fato que a cooperativa quando passava por maiores dificuldades desobrigou o cooperado de entregar sua produção e isso o afastou. Mas como os pequenos produtores “tiram” frango em sua maioria uma vez por mês fica mais fácil para enquadrá-los no planejamento mensal, desde que seu produto atenda as exigências do mercado e que exista uma comunicação mais eficiente entre as partes.

Essa falha no diálogo está prejudicando o cooperado que está vendendo sua produção a intermediários e a cooperativa em muitos casos está sendo obrigada a

comprar de outros fornecedores para poder atender a demanda do abatedouro. A respeito das compras feitas no armazém é percebida uma participação maior de todos os cooperados de uma forma geral.

Na verdade há certa negligência por parte da cooperativa em relação aos pequenos cooperados, que representam a maioria. Há falta de um trabalho de capacitação buscando um aumento na quantidade e na qualidade da produção, mas ao mesmo tempo, faltam cooperados mais ativos que se reúnam e busquem mais participação da cooperativa no seu desenvolvimento. É necessário que os cooperados percebam sua importância, pois apesar de serem pequenos, representam a maioria.

Em relação aos grandes cooperados, existe por parte de alguns o sentimento que a cooperativa é exclusivamente dele e que esta deve dar preferência a suas causas. Muitos se consideram mais importantes porque retiraram empréstimos para a cooperativa, chegando a se considerarem mais donos que os demais. Porém, isso pode não ser visto pelos funcionários e pela cooperativa, de uma forma geral, como verdade.

Já houve conflitos por essa razão, principalmente devido às mudanças ocorridas no processo de informatização que extinguiu com algumas peculiaridades na forma de pagamento de cada cooperado. O que acontece, é que falta conhecimento dos princípios cooperativos aos funcionários e cooperados, onde alguns acham que sabem, outros sabem mais esquecem e muitos não sabem. Atualmente, os princípios existentes e valorizados dentro da cooperativa são muito mais das empresas tradicionais capitalistas do que de uma cooperativa.

De acordo com a pesquisa, identificou-se que houve unanimidade quanto a privilégio dos interesses coletivos, interesses estes que foram desqualificados com a resposta onde houve pessoas que disseram que o Grupo dos Dez está sendo deixado de lado pela cooperativa. Outro fato contraditório observado é que aqueles que mais reclamam são os que menos participam das assembleias e muito menos tem um contato freqüente com a cooperativa.

Como pode ser visto pelas respostas, todos concordam que o objetivo da cooperativa é a união das pessoas, mas não é percebido um empenho para que esse

pensamento seja colocado em prática. Os cooperados se mostram bem satisfeitos e orgulhosos em relação a alguns avanços, principalmente no abatedouro e na Fábrica de Ração, no entanto, suas reclamações são variadas, e estão direcionadas mais para a falta de interesse e união dos cooperados e proteção ao Grupo dos Dez.

A Cooperativa dos Granjeiros precisa ficar atenta porque atualmente podemos ver vários casos de cooperativas que se não fecharam suas portas estão se equilibrando para sobreviver. Autores como Marcovitch e Pereira (1996), Bialoskorski Neto (1994) citados por Antonialli (2000), lembram o caso da Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC-CC) que exemplifica bem esta realidade.

Muitas cooperativas ainda não sabem como separar propriedade e controle, o que leva a freqüentes atitudes populistas que resultam em decisões que agradam a maioria no curto prazo, mas prejudicam fortemente a sua inserção competitiva futura no mercado. Além disso, muitas têm dificuldades em orientar-se para o mercado.

A cooperativa deve trazer a realidade do mercado para a tomada de decisão do cooperado, mudando o enfoque de vender tudo que o cooperado produz para produzir o que o mercado está exigindo. Um aspecto importante e que não pode deixar de ser enfatizado são os mitos desastrosos que ainda prevalecem no meio, a visão de que a cooperativa é uma entidade assistencialista e que deve prestar serviços sociais em vez de gerar lucros. Se corretamente desenvolvido, o cooperativismo é a melhor forma de produtores agropecuários, que são por natureza isolados, pulverizados e desorganizados, ganharem poder de mercado e de negociação em um ambiente econômico cada vez mais concorrencial e oligopolizado (ANTONIALLI, 2000).

Os cooperados precisam ver que a cooperativa é um meio para o seu desenvolvimento e ela existe para estar a seu favor e não contra os seus interesses. Mas para isso, é necessário o comprometimento de todos os envolvidos, funcionários e cooperados, pessoas esclarecidas que buscam crescer de forma unida, sabendo abrir mão de alguns interesses individuais, e de um dia para outro, conseguir de forma coletiva, algo que satisfaça seus interesses e inclusive, satisfação de outros interesses que não imaginava ser possível atuando como um produtor isolado.

Para Bialoskorski e Zylbersztajn (1994) as cooperativas possibilitam uma diminuição de riscos e uma agregação de valor para os produtores rurais, que isoladamente, não teriam condições favoráveis de relacionamento com estes mercados oligopolizados. Neste sentido, Rios (1998), conclui que a globalização está sacudindo o mundo inteiro e não dá mais para brincar de cooperativa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa revela claramente a falta de informação dos cooperados sobre conceitos básicos do cooperativismo, além de deixar claro que estes desconhecem seu verdadeiro papel perante a cooperativa. Isso pode ser reforçado quando a grande maioria dos cooperados afirmou que a cooperativa não proporciona educação cooperativa aos seus integrantes, concluindo que a desinformação é generalizada.

Os cooperados, em sua maioria, encaram a cooperativa como uma empresa comercial qualquer, sendo que participam muito pouco das decisões tomadas em assembléias. Outro fator a ser considerado é que existe a falta de união entre os cooperados, e a existência de um grupo de associados tidos como privilegiados, alimenta ainda mais a desunião e a efetiva cooperação entre os associados.

O cooperativismo tem mais um desafio, resgatar a cultura cooperativista que vem sendo esquecida pelos seus membros, a união está dando lugar aos interesses particulares. Os cooperados estão perdendo a motivação, a participação e o comprometimento com a cooperativa. Surge também a necessidade de capacitação profissional dos executivos e profissionais das cooperativas, bem como dos cooperados.

REFERÊNCIAS

ANTONIALLI, L. M. **Modelo de gestão e estratégias: o caso de duas cooperativas mistas de leite e café de Minas Gerais.** 2000. 163p. Tese (Programa de Pós-Graduação em Administração). Faculdade de Economia e Administração. Universidade de São Paulo, São Paulo.

BIALOSKORSKI NETO, S.; ZYLBERSZTAJN. D. Cooperativismo: economia de empresas e estratégias. **Perspectiva Econômica**, São Leopoldo, v. 29, n. 84, p. 7-22, jan./mar. 1994. (Série Cooperativismo, 35).

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

FARIA, V. P. de. Produção e cooperativas de produtores de leite no Brasil. In: Seminário as Cooperativas e a Produção de Leite, 2000, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais, 1995. p. 13-19.

FERREIRA, R. do N. **Índices-padrão e situação econômica, financeira e político-social de cooperativas de leite e café da região sul do estado de Minas Gerais**. 1999. 138p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Administração). Universidade Federal de Lavras, Lavras.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MEIRELES, P. A. **Ações administrativas e participação especial em cooperativa agropecuária: um estudo de caso em Minas Gerais**. 1981. 81p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Administração). Universidade Federal de Lavras, Lavras.

OCEMG - ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DE MINAS GERAIS e Ministério da Agricultura e do Abastecimento/SDR. Direitos e Deveres dos associados. **Cooperativismo: Para tudo e para todos**. Belo Horizonte: Markcoop, 12p.

OCEMG - ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DE MINAS GERAIS. **Cooperativismo**. Apresenta informações sobre a origem do cooperativismo no mundo. Disponível em <<http://www.ocemg.org.br>> Acesso em: set. 2001.

OCEMG-ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DE MINAS GERAIS. **Ramos**. Apresenta informações sobre os ramos do cooperativismo. Disponível em <<http://www.ocemg.org.br>> Acesso em: set. 2001.

RECH, D. **Cooperativas: uma alternativa de organização popular**. RH: FASE, 1995.

RIOS, L. O. **Cooperativas brasileiras: manual de sobrevivência & crescimento sustentável**. São Paulo: STS, 1998.

RICCIARDI, L. **Cooperativismo: uma solução para os problemas atuais**. Vitória: Coopermídia, 1996.

SCHULZE, E. Estrutura do poder em cooperativas. **Perspectiva Econômica**, São Leopoldo, v. 22, n. 59, p. 49-76, jun./dez. 1987. (Série Cooperativismo, 22)

YIN, R. K. **Case study research: desing and methods.** EUA: Sage Publications, 1990.

ZYLBERSZTAJN, D. Organização de cooperativas: desafio e tendências. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 29, n. 3, 1994.

NOTAS

(1) Professor de Graduação da UFG - Universidade Federal de Goiás e de Pós-Graduação (lato-sensu) do CEFET - Centro Federal de Educação Tecnológica de Bambuí-MG. E-mail de Contato: vagner@hotmail.com.

(2) Professor de Graduação e Pós-Graduação (strictu-sensu) da UFLA - Universidade Federal de Lavras - MG. E-mail de Contato: acsantos@ufla.br.

Enviado: 27/04/2008

Aceito: 30/06/2008

Publicado: 17/07/2008